

CAIRO, ISMAILIA E ALEXANDRIA: FACES DE UM EGITO EFERVESCENTE EM A TARDE (JAN/1952 – JULHO/1952¹)

Mateus José da Silva Santos²

Resumo

Nas edições de *A Tarde*, entre janeiro a julho de 1952, o Egito recebeu importante destaque no interior de um noticiário africano relativamente escasso, se comparado a demais regiões do globo, reflexo de uma tendência de cobertura completamente alinhada com o contexto de Guerra Fria. À luz do conceito de Grande Imprensa, além de reconhecer as características ideológicas e estruturais desse jornal, buscar-se-á destacar a existência de uma leitura hegemônica sobre o assunto, pautada pela identificação da crise anglo-egípcia como resultado das manipulações das elites dirigentes nacionais, no esforço de desviar a atenção dos problemas econômicos e administrativos.

Palavras-chave: Crise anglo-egípcia. Egito. A tarde. Grande-Imprensa.

Recebido em 28 de maio de 2019 e aprovado para publicação em 20 de abril de 2020

¹ O presente texto foi fruto dos resultados parciais do projeto de pesquisa PIBIC *África e Cooperação Brasil-África na Imprensa Bahiana (c.1950-2009)*, autoria do prof. Dr. Claudio Alves Furtado. Com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), o processo contou com a participação dos bolsistas Ramon Oliveira e Mateus Santos.

² Mestrando em História pela Universidade Federal da Bahia. Correio eletrônico: mateus_santos29@hotmail.com.

Introdução:

25 de janeiro no Cairo³. Na milenar cidade egípcia, um conjunto de distúrbios em resposta ao afloramento da crise entre britânicos e locais esteve em evidência no jornal baiano *A Tarde*. Protestos de rua e ataques a determinados edifícios estrangeiros marcaram o dia da populosa cidade, num contexto de tensionamentos na zona do Canal de Suez, especialmente na região de Ismailia. A crise anglo-egípcia, desta forma, parecia estar longe de ser resolvida, possuindo contornos de um conflito paramilitar, envolvendo diferentes frações do nacionalismo egípcio e as tropas britânicas estacionadas em Suez.

Comumente conhecido pelo conflito armado de 1956, a chamada Segunda Guerra Árabe-Israelense, a questão do Canal de Suez, de um ponto de vista processual, possuiu inúmeras fases de discussão e tensão, num movimento que envolveu sobreposição de conflito,⁴ negociação e variações conforme as conjunturas mundiais e regionais. Num contexto de estruturação de um novo ordenamento geopolítico, a Guerra Fria, associado aos desdobramentos complexos da criação do Estado israelense e a conseqüente guerra de 1948, a disputa envolvendo Egito e Inglaterra por essa importante via de circulação ultrapassava o interesse dos dois países, constituindo-se em mais uma das muitas questões sensíveis para a comunidade internacional.

Dada essa relevância, a crise foi alvo de cobertura do jornal *A Tarde*, sendo mais um dos assuntos que compuseram seu destacável noticiário internacional nas edições de 1952. Sob a ótica de um jornalismo de natureza industrial, marcado por um importante processo de produção, circulação e consumo do texto noticioso, as notícias do exterior chegavam às páginas do jornal baiano por meio de parcerias com o chamado jornalismo de agências, possibilitando a existência de uma cobertura mais intensa dos processos políticos em diferentes partes do mundo. Contudo, o fato de serem textos importados, sobretudo da agência norte-americana Associated Press, a reprodução significava também a veiculação de opiniões e formas de olhar para o conflito que eram, de certo ponto, alheias ao contexto brasileiro e baiano, atribuindo maior complexidade para a forma com que hoje procuramos analisar este material.

Diante disso, o objetivo deste texto é analisar as possíveis leituras da crise anglo-egípcia a partir de um conjunto de notícias presentes nas edições de *A Tarde* entre janeiro e julho de 1952. Partindo especialmente dos textos de opinião, buscaremos compreender

³ Os Textos que repercutem os acontecimentos de 25 de janeiro no Cairo foram publicados na edição do dia posterior. *A Tarde*, Salvador, 26 jan. 1952, capa.

⁴ Para Salgado Neto (2012), a Guerra de Suez (1956) correspondeu, em verdade, a uma sobreposição de três conflitos: a questão árabe-israelense, as lutas em torno da descolonização da Argélia e a Guerra Fria. SALGADO NETO, L. "A Crise de Suez: uma sobreposição de três conflitos (1952-1956)". *Cantareira* (UFF), v. 1, p. 87-104. 2012.

como o conflito foi concebido, tanto do ponto de vista das causas, como também das soluções apontadas, verificando se existiram clivagens no material coletado ou uma coerência em termos discursivos e argumentativos. Além da análise qualitativa, investigaremos também a intensidade da cobertura e,⁵ a partir de um recorte temporal que abarca os últimos meses antes da Revolução dos Oficiais Livres (1952),⁶ olharemos quais são os principais picos de informação, tendo enfoque especial num dos principais momentos da crise, o mês de janeiro.

1. Independente, mas até em que ponto?

As diversas lutas internas na história do Egito, especialmente a partir do final do século XIX e se estendendo pela primeira metade do XX, constituíram-se em capítulos fundamentais para o entendimento da trajetória desse Estado e dessa sociedade. Movimentos como a Revolta de Urabi Pashá (1882)⁷ e as lutas em torno do final do protetorado britânico, tendo à frente o Wafd e Saad Zaghloul (1919 – 1922)⁸ foram e ainda são os dois episódios mais significativos, no tocante ao estudo das resistências locais à dominação britânica especialmente. Ambos, porém, são apenas páginas de uma longa caminhada em busca de independência.

Apesar de independente juridicamente em 1922, o Egito se manteve num estado neocolonial com relação aos ingleses pelo menos até 1952⁹. Apesar da intensidade das lutas contra a dominação oficial britânica no início do século XX, uma solução negociada entre

⁵ Compreende-se aqui “Intensidade da Cobertura” como o espaço ocupado pelo tema ao longo do recorte temporal sugerido. Um levantamento de natureza quantitativa, mas também possuidor de um valor qualitativo, especialmente em relação aos tipos de texto.

⁶ Convergimos com as percepções de P. Dermant sobre as transformações do Egito nos anos 50. Para este autor, o movimento que, juntamente com outras forças, capitaneou a derrubada da monarquia foi de natureza revolucionária antimonárquica e antibritânica. DERMANT, P. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

⁷ Segundo Ahmed Ibrahim e Ali, a chamada “revolução urabista”, dentre outras coisas, decorreu de uma situação de crise político e socioeconômica nacional, marcada pela má administração do quediwa Ismail, a submissão aos interesses estrangeiros (especialmente inglês) e a altíssima carga tributária. Apesar do sucesso inicial, o movimento foi massacrado em 1882. IBRAHIM, H. A.; ALI I. “Iniciativas e resistência africanas no nordeste da África”. In: BOAHEN, A. A. (ed.). **História Geral da África: A África sob dominação colonial (1880 – 1935)**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010.

⁸ Um dos fundadores do Wafd (Delegação Egípcia) em 1916, Saad Zaghloul teve um importante papel na negociação com os ingleses e na ação política interna. A revolução de 1919 se insere como uma das etapas fundamentais da luta egípcia pela independência, sendo, de certa maneira, uma resposta à prisão de Zaghloul em Malta. Manifestações violentas e greves marcaram boa parte das reações populares. In: IBRAHIM, H. A. Política e nacionalismo no nordeste da África, 1919-1935. In: BOAHEN, Albert Adu (ed.). **História Geral da África: A África sob dominação colonial (1880-1935)**. 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 73-99.

⁹ CASTRO, Isabelle Christine Somma de. **Do Islã à política: a expansão da sociedade dos irmãos muçulmanos no Egito (1936-1949)**. 2014. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

nacionalistas e Londres foi o que prevaleceu. Pelo acordo, estabeleceu-se uma monarquia parlamentar e constitucional, sob o comando inicial de Fuad I.

A natureza aparentemente liberal e soberana de uma nova fase na história desse país esbarrava na manutenção dos interesses ingleses,¹⁰ por meio da extraterritorialidade de seus cidadãos, a continuidade na ocupação militar, manutenção do domínio sobre o Sudão, controle sobre o canal de Suez,¹¹ responsabilidade sobre a defesa do território egípcio e influência nas telecomunicações¹². Deste modo, as mudanças nas estruturas políticas egípcias foram limitadas, a tal ponto que não promoveram alterações no *status quo*.

Ainda sobre o Estado conformado a partir desse processo de independência e legitimado pela Constituição de 1923, a relação entre os poderes internos era completamente desequilibrada. A possibilidade de destituição do gabinete e demitir ou convocar novo primeiro ministro acabavam por atribuir maiores poderes ao monarca, transformando, do ponto de vista interno, em uma relação de poder tendencialmente autoritária. Em 30 anos, nenhuma legislatura inaugurada após a independência foi concluída¹³.

Tecendo considerações gerais acerca do que foram as estruturas políticas egípcias na era monárquica, Chenntouf afirma que um “complexo jogo” entre rei,¹⁴ o representante britânico e os partidos políticos, principalmente o Wafd, dominavam a política deste país. Apesar de não citado por esse autor, cumpre destacar também a emergência da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (SIM) enquanto outro importante ator neste período, especialmente pela sua penetração social¹⁵.

No contexto da invasão italiana à Etiópia, Egito e Inglaterra reforçaram seus laços políticos e econômicos, ao acordarem o final da ocupação militar britânica, exceto na região do Canal, porém abrindo a possibilidade de nova intervenção em caso de ameaça externa, assim como liberdade de ação de Londres, caso fosse necessário realizar incursões

¹⁰ O uso do termo “aparente” para qualificar a natureza do regime político pós-1923 possui respaldo nas divergências existentes entre a literatura especializada quanto aos limites do Estado egípcio, conforme aponta Somma Castro. As assimetrias entre os poderes constituídos, além do grau de instabilidade política nos levam a também questionar sobre o liberalismo egípcio. Ver: *Ibidem*.

¹¹ IBRAHIM, op. cit., p. 681-683.

¹² CASTRO, op. cit., p. 54.

¹³ GONÇALVES, Luis Eduardo Fonseca de Carvalho. **Egito: revolução e contrarrevolução (2011-2015)**. Brasília: FUNAG, 2017.

¹⁴ CHENNTOUF, Tayeb. “O Chifre da África e a África Setentrional”. In: MAZRUI, AL’Amin (ed.). **História Geral da África**, v. VIII: África desde 1935. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 33-66.

¹⁵ Fundada em 1928 na cidade de Ismailia, a Irmandade Muçulmana (IM) ou Sociedade dos Irmãos Muçulmanos (SIM) consistiu-se numa das principais forças políticas do Egito no século XX e nos dias atuais. Liderado por Hassan al-Banna, seus principais pilares políticos e ideológicos se encontravam no combate à influência ocidental no Egito, o retorno ao islã ortodoxo e a formação de um Estado estruturado pelos princípios religiosos. In: DERMANT, op. cit., p. 98. Ver também: CHENNTOUF, op. cit., p. 45.

no território egípcio Outras medidas dos acordos entre Grã Bretanha e Estados Unidos residiam na reafirmação da independência do Egito, entrada deste país na Liga das Nações, autorização para estacionamento de tropas egípcias no Sudão, comprometimento inglês na defesa do país africano e possibilidade de uso de seu território em caso de conflito¹⁶.

Com a invasão da África do Norte pelo Eixo, além de seus interesses no Oriente Médio, o Cairo tornou-se o principal centro de coordenação da resistência dos aliados,¹⁷ cumprindo um papel fundamental nessa etapa da guerra. Assim, o já frágil Estado egípcio tornou-se quase inoperante, diante das prerrogativas que os ingleses possuíam. A pressão pela nomeação de Nahas Pashá, homem forte do Wafdismo, enquanto primeiro-ministro em 1942 evidenciou a capacidade de ação do interesse externo neste país¹⁸.

Em meio aos reajustamentos políticos e econômicos no pós-guerra, não somente uma nova ordem mundial foi construída, caracterizada essencialmente por uma nova fase no enfrentamento entre capitalismo e socialismo, mas também mudanças significativas ocorreram a nível regional e local. No caso do Egito e de seu entorno, um processo de independência dos territórios colonizados por franceses e ingleses marcou e muito este período, mas também um esforço de organização das entidades estatais em termos de cooperação, o que culminou com a criação da Liga dos Estados Árabes¹⁹.

No interior dessa conformação regional, cumpria ao Egito um papel de protagonista, não somente por sediar a organização, mas também por deter a liderança no secretariado-geral. Assim, dada a relevância da região para as grandes potências, as questões internas daquele país interessavam o mundo, porém sofrendo com a concorrência de cenários conflituosos mais amplos por outras partes do globo.

A criação do Estado de Israel em 1948 trouxe novas tensões para uma região já historicamente conflituosa. Com a deliberação pela divisão da Palestina, um primeiro conflito armado se deu até o ano de 1949, reunindo uma coligação árabe contra o novo Estado, sendo cessada apenas por meio de um Armistício, mas também pelo fracasso dos aliados em derrotarem o adversário judeu²⁰. O novo Estado ampliaria tanto seu território

¹⁶ Idem.

¹⁷ HOURANI, Albert. **Uma História dos Povos Árabes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁸ CASTRO, op. cit.

¹⁹ Após duas conferências (Alexandria – 1944 e Cairo – 1945), foi criada a Liga dos Estados Árabes, congregando sete países (Egito, Síria, Iraque, Líbano, Transjordânia, Árabia e Iêmen) e tendo como sede a capital egípcia. Suas principais bandeiras políticas centravam-se na soberania dos Estados membros e na política de não ingerência. Apesar do interesse inglês em construir uma organização regional no Mundo Árabe, a maneira como a Liga dos Estados Árabes foi edificada trouxe desafios ao projeto britânico (HOURANI, 1993).

²⁰ HRBEK, Ivan. A África Setentrional e o Chifre da África. In: MAZRUI, Ali. A. & WONDJI, Christophe. (ed.). **História Geral da África: A África desde 1935**. 2. ed. Brasília: UNESCO 2010. p. 151-190.

marítimo, como também terrestre²¹. Iniciava-se assim uma longa trajetória de enfrentamentos entre as duas partes, colocando o Oriente Médio numa posição de protagonismo no debate político mundial.

2. A Tarde e o mundo: esforço de caracterização

Enquanto um dos principais veículos da imprensa escrita na Bahia, o jornal A Tarde se enquadrava na categoria de representante da grande imprensa em nosso estado. Fazendo uso da divisão da história da imprensa no Brasil proposta por Nelson Werneck Sodré,²² Aragão dos Santos concebe tal fase da imprensa escrita como uma “empresa jornalística, indústria que mercantiliza a informação, vende a notícia, tem como base de sustentação a publicidade e veicula a ideologia da classe dominante”²³.

Gerado a partir de uma perspectiva considerada modernizadora para a época,²⁴ A Tarde assumiu uma postura que, na visão de Bruno Moreira,²⁵ pode ser caracterizada como uma espécie de confluência entre liberalismo e ideais aristocráticos. Em meio à defesa da “democracia representativa”, no direito à propriedade e na horizontalidade jurídica, alguns dos pilares da filosofia política iluminista, dividiam espaço com a defesa de uma suposta ordem e das tradições. De maneira relacional, imprensa e capitalismo se desenvolviam²⁶.

Ainda como parte de sua ideologia, a retórica anticomunista foi um dos aspectos mais presentes nas construções narrativas sobre os processos tratados no jornal. Assumindo uma leitura conjuntural bipolar, a oposição entre um considerado “mundo livre”, o ocidente capitalista, entrava em confronto com o “mundo comunista”, considerado contrário à democracia. Nesse mundo desenhado pelo jornal, cumpria aos Estados Unidos um papel de liderança e modelo de democracia representativa no lado capitalista. Para além da cobertura de suas questões internas, as ações estadunidenses em nível de

²¹ Em relação ao território palestino, Israel avançou em 78% deste, além de ter se apropriado de 100% das águas palestinas. MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. **A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e Dimensão Estratégica dos Estados Unidos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

²² SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

²³ SANTOS, José Welinton Aragão. **Formação da Grande Imprensa na Bahia**. Dissertação 1985. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 1985.

²⁴ SPANNENBERG, Ana Cristina Menegotto. A Modernização do Jornalismo Baiano: um breve olhar sobre a proposta modernizante do Jornal A Tarde. In: **ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA**, 4, 2006, São Luís. Anais. São Luís: ALCAR, 2006, p. 1-13. Disponível em: <http://www.ufgrs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontrosnacionais/4o-encontro-2006-1>. Acesso em: 15 jan. 2019.

²⁵ MOREIRA, Bruno de Oliveira. **De heróis a tiranos: Jornal A Tarde, agências internacionais de notícias e a Revolução Cubana como representação jornalística (1959-1964)**. 133 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2010.

²⁶ SODRÉ, op. cit.

organizações internacionais e mesmo militares, como no caso da Guerra da Coreia, possuíam protagonismo no interior do noticiário internacional do jornal baiano.

A linha pró-EUA pode ser fundamentalmente explicada por meio da parceria existente entre o veículo de informação local e a agência de notícias Associated Press. Considerada uma das quatro grandes (Big Four) do jornalismo de agências,²⁷ a empresa estadunidense foi a principal base informativa para o jornal baiano, num processo de reprodução de textos noticiosos. Tendo o direito de estender seus serviços para o restante do continente garantido ainda no final dos anos 20, o aprofundamento de laços entre a A. P. e o veículo baiano decorreu ainda do contexto da II Guerra Mundial²⁸.

Tal associação significava, de certa forma, a adoção de uma linha discursiva e uma leitura de mundo de um agente distante do contexto local de circulação desse jornal, o que sugere certo distanciamento entre produtores e consumidores do texto jornalístico. Por outro, a possibilidade de seleção do material, ainda que produzido por uma única fonte, demonstra a capacidade de intervenção, ainda que com certa limitação, do jornalismo local em sua construção do mundo traçado pela agência estadunidense²⁹.

Considerados os traços gerais que caracterizaram o noticiário internacional encontrado nas edições de A Tarde, o olhar para o noticiário egípcio, num primeiro plano, não foge às regras apresentadas. Inserido em conjunturas nacionais e regionais um tanto complexas, o país foi o principal protagonista do noticiário africano,³⁰ possuindo mais de duas centenas de textos durante os quase sete meses destacados para análise. Num momento histórico de aproximação gradual com o continente negro,³¹ o Egito se constituía numa exceção à regra de uma África secundária neste veículo da imprensa escrita baiana.

²⁷ Segundo Pedro Aguiar, as quatro maiores agências de notícias do chamado mundo capitalista durante o século XX eram a Associated Press (A.P), France Press (A.F.P), Reuters e United Press (U.P.I). Do lado socialista, o mesmo autor afirma que o principal veículo foi a TASS. *In: AGUIAR, Pedro. Notas para uma história do jornalismo de agências. In: VII Encontro Nacional da História da Mídia. Rede AlCar, 7, 2009, Fortaleza. Anais. Fortaleza: Rede Alfredo de Carvalho 2009. p. 1-15.*

²⁸ SANTOS, R. L. R. O Jornal A Tarde e a Associated Press no combate ao comunismo na Bahia (1945-1947). *In: Anais do XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico. Vitória da Conquista. XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico, 2017. Ver também: SILVA, R. O. A imprensa baiana e o americanismo na Segunda Guerra (1942-1945). Faces da História, v. 1, n. 1, p. 106-123, 2014.*

²⁹ Conforme aponta Moreira, ao realizar um estudo comparativo das abordagens de A Tarde e do Jornal da Bahia sobre a Revolução Cubana, as agências de notícias não possuíam uma visão uniforme dos fatos. Para além de algumas diferenças ideológicas entre os veículos baianos, o fato do primeiro ter escolhido a Associated Press e o segundo a France Press proporcionaram algumas divergências quanto a cobertura do mesmo processo. Ver: MOREIRA, op. cit.

³⁰ Uma discussão que mereceria maior atenção, porém poderá ser fruto de um novo artigo é o pertencimento egípcio ao continente africano no interior desse noticiário. Do ponto de vista político, as relações do Egito com a questão árabe-israelense é um aspecto bastante explorado por parte do periódico. Contudo, indo mais além do que o material usado, textos sobre o Egito Faraônico aparecem em algumas edições, sobretudo do ponto de vista da curiosidade histórica.

³¹ SARAIVA, José Flávio Sombra. **o lugar da África: a dimensão atlântica da política externa brasileira (de 1946 a nossos dias)**. Brasília, DF: Universidade de Brasília. 1996.

Entre boletins, notas e textos de opiniões, a cobertura realizada por A Tarde, essencialmente por meio da reprodução dos textos da Associated Press, centrou seus olhares em diferentes questões, mas não necessariamente dissociadas. Eleições e clivagens entre os atores políticos internos, disputas entre Inglaterra e Egito pelo controle do canal de Suez, a questão árabe-israelense e interesses estadunidenses no país e na região marcam algumas das temáticas principais.

3. Olhar[es] sobre um Egito

A complexidade da conjuntura egípcia nos meses que antecederam à derrubada da monarquia foi assunto do jornal baiano por meio da publicação de textos das mais diferentes naturezas, possibilitando, de certo ponto, um olhar processual sobre aquele país. Partindo desse entendimento, uma análise dos periódicos disponíveis deste período, permitiu-nos identificar algumas leituras possíveis sobre o contexto político do país africano e a maneira como tal assunto foi retratado pelo jornal, instrumento capaz de moldar a opinião pública de determinados setores da sociedade em prol de uma determinada direção.

Noticiário sobre a crise-anglo-egípcia:³²

MÊS	QUANTIDADE DE NOTÍCIAS
Janeiro ³³	100
Fevereiro	45
Março	41
Abril	15
Maiο	9
Junho	8
Julho ³⁴	18
TOTAL:	236

Numa cobertura que contemplou desde ações civis até as negociações envolvendo os principais atores políticos institucionais do confronto, alguns elementos destacados nos permitem afirmar que houve a conformação de uma leitura hegemônica sobre o assunto, baseando-se na arregimentação entre contexto interno e externo. Para melhor entendimento, vale apenas observar alguns dos momentos retratados pelo jornal:

³² Os números a seguir expressam o levantamento realizado a partir de consultas ao acervo digital e físico do periódico em estudo, encontrado no setor de pesquisa da Biblioteca Central dos Barris (conhecida também como Biblioteca Pública do Estado da Bahia). É possível que outros textos sobre a crise anglo-egípcia não estejam relacionados em nossos dados, por conta de edições de difícil acesso ou problemas técnicos. De todo modo, acreditamos que alguma ausência não prejudicará nas conclusões aqui trazidas.

³³ Uma grande parte dos textos citados neste artigo foi extraída das edições do mês referido.

³⁴ Os textos de julho foram computados até o dia 23, data da derrubada de Farouk I.

a) A efervescência nas ruas de Ismailia ao Cairo.

Como observado na tabela anterior, aproximadamente cem textos nas edições de janeiro de 1952 repercutiram as ações armadas de elementos civis contra as guarnições britânicas em Suez. Da chamada “Zona do Canal”, especialmente da cidade de Ismailia, noticiava-se a existência de uma situação de violência explícita quase que diariamente, sendo, no entendimento do produtor da notícia, ações “terroristas”. “Recrudescer no Egito o Anti-britanismo” e “Troam em Ismailia os canhões das forças inglesas”³⁵ foram algumas das manchetes encontradas neste período, estruturadas claramente num sentido de demonstração do caráter tenso entre Egito e Inglaterra neste momento da chamada crise anglo-egípcia.

Do ponto de vista da distribuição dos textos, as notícias acerca da crise anglo-egípcia se localizavam essencialmente em três partes do jornal. Na primeira página, local em que uma grande quantidade de textos internacionais dividiam espaço com o noticiário nacional, verificamos a existência de boletins curtos, além de ser nesta parte onde se desenvolveram os acompanhamentos mais significativos, como no caso dos conflitos de 25 de Janeiro no Cairo.

Dedicada também, em grande parte, à cobertura do noticiário internacional, a terceira página, para além dos boletins e notas curtas, apresentava também alguns artigos de opinião sobre a contenda anglo-egípcia, destacando-se especialmente a presença de especialistas ou jornalistas britânicos. Outro conjunto de textos, também notícias curtas, foi encontrado nas páginas finais do jornal, normalmente dividindo espaço com temas diversos e mesmo com a parte destinada à propaganda.

Um conjunto de características dessa cobertura esteve alinhado com a identidade ideológica e os elementos estruturantes do jornal como um todo. Enquanto defensor da manutenção da ordem política e social interna, em nível local, nacional e internacional, mortes e confrontos armados eram noticiados pelo periódico, dando a entender a situação de desestabilização de parte do Egito naquele momento.

Neste sentido, chama-nos atenção à cobertura dada para o assassinato de uma religiosa norte-americana, Irmã Antônia, em meio aos conflitos na Zona do Canal³⁶. Num estado predominantemente católico, uma vítima estrangeira e cristã foi alvo de atenção do jornal baiano, dando ênfase para as consequências da crise para civis.

³⁵ RECRUDESCE no Egito o Anti-Britanismo. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 2 de jan. 1952. TROAM em Ismailia os canhões das forças inglesas. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 25 jan. 1952.

³⁶ O ENTERRO de irmã Antônia. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 23 de jan. 1952.

Apesar do olhar com relação aos conflitos e o saldo de mortos em alguns casos, os textos sobre essa etapa da crise anglo-egípcia apresentam certa limitação com relação ao reconhecimento dos atores envolvidos no processo. Isso pode ser percebido, num primeiro momento, quando não há nenhum tipo de menção sobre a natureza dos grupos que atuaram contra os soldados britânicos na Zona de Suez. Os boletins não conseguem alcançar um grau de informação mais profundo, na medida em que reduzem os opositoristas ao domínio britânico como meros “terroristas”, no sentido mais pejorativo do termo.

Um único elemento que pode sugerir alguma característica dos atores envolvidos nesse processo de luta contra os britânicos é um texto que noticiou a descoberta de armamentos num cemitério muçulmano de Ismailia. Segundo este boletim, “elementos irregulares egípcios” encontravam-se “entrancheirados” no interior do cemitério, promovendo um forte confronto diante do cercamento do espaço por parte dos britânicos³⁷. O mais impressionante é que o mesmo texto chega a afirmar que este cemitério servia de Quartel para os combatentes locais, mas não apresenta nenhum tipo de vinculação destes homens com qualquer grupo político organizado. A existência de grupos paramilitares na política egípcia foi evidente em outros contextos políticos. Como demonstra Somma Castro, em meados dos anos 30, partidos como o Misr Al-Fatat e o próprio Wafd chegaram a possuírem organizações dessa natureza³⁸.

As abordagens sobre a crise não trazem, por exemplo, nenhuma menção acerca da participação da Sociedade dos Irmãos Muçulmanos nas ações políticas deste período, nem mesmo considera a possível ligação entre seu braço armado com os “distúrbios” na zona do Canal. Apesar da forte repressão do poder central, a organização islâmica não deixou de ser um importante ator coletivo no debate político egípcio, sendo um dos principais expoentes desse nacionalismo.

Textos de opinião também foram produzidos sobre este processo de janeiro de 1952. Como já era de se esperar, nenhum egípcio foi tomado como referência. Ao contrário, dois artigos de opinião produzidos respectivamente por um jornalista britânico e outro estadunidense fazem parte do repertório de informações encontradas no jornal. Apesar de publicados em datas diferentes, as produções possuem um diálogo significativo, do ponto de vista da linha argumentativa sobre o conflito. Em ambos os casos, uma opinião pública local contrária aos britânicos é vista como massa de manobra da monarquia e da elite

³⁷ O CEMITÉRIO Muçulmano de Ismailia transformado em arsenal. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 22 jan. 1952.

³⁸ CASTRO, op. cit.

dirigente egípcia, no intuito de desviar as atenções dos problemas do país e de seu governo. Ward Price foi muito enfático ao analisar a crise da seguinte maneira:

O primeiro requisito da política do governo no Egito é impedir que o proletariado, assolado pela pobreza expresse totalmente sua queixa e melhor diversão é oferecer um alvo alternativo contra o qual ele possa dirigir seu ressentimento. Essa é a razão para o Gabinete egípcio levar a turno (?) egípcia a considerar os soldados britânicos na Zona do Canal de Suez como rapineiros e agressivos invasores do território nacional.³⁹

Para este britânico, todo o sentimento de indignação e revolta da população local com as más condições de vida, a desigualdade social e a corrupção generalizada foram direcionados propositalmente contra as guarnições do governo de Londres. Sua linha argumentativa ainda englobava duas considerações extremamente interessantes para análise. Para Price,⁴⁰ as manifestações contrárias à presença britânica na Zona do Canal não possuíam fundamento, pois “todo egípcio inteligente” consideraria aquela região uma das melhores para se viver no país, tanto em termos de tranquilidade como também com relação a trabalho. “Os salários são mais elevados; os nativos a serviço dos britânicos vivem melhor; as cidades e vilas são mais limpas; a população local conta com melhor assistência médica”. Em contraposição ao restante do território controlado exclusivamente pelo governo egípcio, os domínios britânicos foram concebidos pelo autor como lugar de refúgio e de oportunidades para a população local, legitimando, portanto, a inexistência de soberania egípcia naquela região.

Enfatizando o que considera como uma farsa da onda de revolta e ações armadas, o jornalista discutido anteriormente e Wilton Wynn estabelecem um consenso de que interesses individuais ou de parcela da elite dirigente egípcia moviam suas posturas ofensivas com relação aos britânicos, inflamando a população⁴¹. No caso do primeiro autor, sua opinião foi a de que disputas de poder no interior do governo estariam motivando homens como o Ministro do Interior, por exemplo, a tomarem posturas duras com relação aos ingleses, num esforço de estar em sintonia com a opinião pública e assim conseguir legitimidade para seu interesse em alcançar o cargo de “premier”.

Wynn estendeu sua discussão para as relações de poder entre o monarca e os homens mais importantes do governo, especialmente ligados ao Wafdismo⁴². Para este autor, além de ser uma válvula de escape para a chamada Crise dos Armamentos e das

³⁹ PRICE, George Ward. O Quadriunvirato Egípcio. **A Tarde**, Salvador, p. 3, 8 de jan. 1952.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ WYNN, Wilton. Diversionismo: como se explica a Onda Anti-Britânica no Egito. **A Tarde**, Salvador, p. 3, 17 jan. 1952.

⁴² Idem.

relações comerciais entre homens do partido com israelenses,⁴³ uma fase mais ofensiva da crise anglo-egípcia era também sustentada pelo temor com relação às investigações sobre a evolução das fortunas de diversos indivíduos, inclusive dos políticos daquele que foi um dos principais partidos da Era Liberal egípcia⁴⁴.

No processo de construção analítica dos fatos, o jornal baiano, por meio de sua capacidade de seleção dos textos, preferiu recorrer unicamente à unilateralidade na leitura da crise, privilegiando as visões de atores que, de uma forma ou de outra, possuíam vinculações diretas com uma das partes envolvidas no confronto. Ao não dar espaço ao contraditório, o olhar aos fatos dessa complexa crise tornava-se completamente reduzido ao modo como um dos atores coletivos enxergava toda a oposição egípcia. Tal leitura, presente claramente nos dois artigos em questão, atribui uma condição de imaturidade política aos nacionalistas egípcios, considerados incapazes de agirem contra aquilo que supostamente seria o verdadeiro mal do país.

Além disso, a defesa da permanência dos britânicos na região do Canal por conta dos seus efeitos para a população egípcia acaba pode ser considerada uma argumentação de natureza colonialista, tendo em vista que, ao forçar uma oposição entre o Egito governado pelos egípcios e a parte do país administrada pelos britânicos, Price, por exemplo, destacou os supostos benefícios que a presença de seus compatriotas promoviam para as populações locais, num discurso de ênfase da ordem e de possibilidades de ganhos econômicos e sociais.

Os conflitos entre população civil e os soldados britânicos tiveram repercussões para além da Zona do Canal, atingindo também as principais cidades egípcias, como Cairo e Alexandria. Segundo I. Hrbek:

Subitamente, em 25 de janeiro de 1952, a cólera acumulada eclodiu: centenas de milhares de egípcios desceram às ruas do Cairo para exigir um boicote total aos britânicos, o envio de um contingente militar egípcio na zona do Canal e a conclusão de um tratado de colaboração com a URSS. A manifestação que começara dentro da normalidade, viria a escapar a qualquer controle em razão das manobras de provocadores obedientes ao palácio real: alguns deles promoveram pilhagens, provocaram incêndios e assassinaram europeus e ricos egípcios. Malgrado o pequeno número de vítimas, os danos materiais elevaram-se a milhões de libras e mais de 700 edifícios (mansões, hotéis, cabarés, bancos e butiques) foram destruídos.⁴⁵

Os acontecimentos de 25 de janeiro no Egito repercutiram significativamente na edição de *A Tarde*, a tal ponto de ocupar um espaço incomum para os padrões do

⁴³ A chamada crise dos armamentos foi um escândalo difundido no ano de 1950 acerca do fornecimento de material bélico defeituoso para o exército egípcio. Essa questão acabou recaindo sobre o governo e parcela das elites políticas governantes.

⁴⁴ GONÇALVES, op. cit.

⁴⁵ HRBEK, op. cit.

noticiário africano,⁴⁶ especialmente pelo alto número de boletins numa mesma página. Numa sequência de boletins reproduzidos especialmente da Associated Press, transparece a preocupação do produtor e do próprio periódico em trazer uma espécie de acompanhamento processual dos fatos, indo desde o relato dos acontecimentos mais significativos, até as suas repercussões no mundo político local e na Inglaterra.

Em meio a todo o relato de caos político nas principais cidades do país, um boletim chamou-nos atenção por poder ser caracterizado como parte de um dos elementos estruturantes da ideologia do periódico. Após descrever o cenário de conflito e agressão que se deu no dia 25 de janeiro, um texto repercute algumas das palavras de ordem gritadas pelos manifestantes em seu ato no Cairo. De acordo com o texto reproduzido, “Viva a Rússia, amiga do Egito” fez parte do repertório de frases de efeito nos atos de rua⁴⁷. Ao anunciar logo no início do texto que os egípcios estariam preparados para romper diplomaticamente com os ingleses, a afirmação de que a Rússia era vista com bons olhos pode ser lida como um possível alerta acerca do futuro do país, articulando este contexto político com a bipolaridade da Guerra Fria.

Estando o Oriente Médio em grande agitação política, acenos aos soviéticos poderiam ser encarados como mais uma dimensão do grau de insegurança regional e a necessidade de atenção para as movimentações políticas em torno da crise. Apesar de ter votado favoravelmente à divisão da Palestina, a presença soviética na região foi interrompida durante alguns anos, pelo menos até 1955,⁴⁸ por meio dos acordos feitos entre o governo egípcio e Moscou na compra de armas, via Tchecoslováquia.

Num jornal visivelmente de orientação anticomunista em meio a um momento histórico de ampliação das fronteiras da Guerra Fria,⁴⁹ para além da Europa, uma possibilidade qualquer de inclinação à Rússia, ainda mais se tratando de um país muito significativo regionalmente, era não somente notícia de grande relevância, mas também um fato que poderia trazer contornos negativos para a luta entre “mundo livre” e comunismo.

⁴⁶ Em sua análise acerca do noticiário africano em outro importante periódico da cidade de Salvador, o Jornal da Bahia (JB) entre 1958 e 1969, Anani Dzidzienyo (1970) reconheceu diferentes temáticas abordadas pelo periódico, desde a questão do *apartheid*, passando pelas independências dos anos 60 e chegando até as potencialidades econômicas oriundas de um possível estreitamento de laços entre Brasil e África. Contudo, conclui o autor que, em muitos casos, os textos não eram estruturados adequadamente, a tal ponto de possibilitar um melhor entendimento dos processos descritos, mesmo diante do aumento no interesse acerca do continente negro.

⁴⁷ ‘VIVA a Rússia amiga do Egito!’ –E’ o brado que se ouve no Cairo. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 26 jan. 1952.

⁴⁸ LEWIS, Bernard. **A crise no Islã: guerra santa e terror profano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

⁴⁹ VIZENTINI, P. G. F. “A Guerra Fria”. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (org.). **o século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 3, p. 42-54.

b) A crise nos gabinetes e nas chancelarias: possibilidades e tentativas de intervenção.

Para Rodriguez Mellado e Montero Martin, a crise anglo-egípcia não recebeu um tratamento privilegiado nem por parte da imprensa e nem pelos demais Estados do globo. Segundo estes autores, outras questões de maior relevância estariam a afligir o mundo naquele momento:

Mas por si estas razones no bastasen [Razões políticas para uma suposta indiferença], hay que tener em cuenta, además que el mundo tiene em la hora presente mayores y más sérios problemas em que ocuparse. La guerra de Corea y sobre todo la amenaza de una agresión soviética, ha desviado la atención mundial hacia lo que em primer término constituye su verdadero objetivo político: preparar sus efectivos militares, ante la posibilidad de la guerra.⁵⁰

Diante de toda a crise internacional provocada pelo conflito na península coreana e outras tensas questões envolvendo Estados Unidos e União Soviética, os autores em questão afirmam ter existido certa indiferença da comunidade internacional com relação à crise anglo-egípcia. Assumindo o discurso de uma ordem mundial bipolar, a contenda entre egípcios e ingleses não seria capaz de possuir contornos mais profundos e amplos, não sendo, portanto, alvo de atenção por parte de um mundo ameaçado por outra guerra de grandes proporções.

O contexto da disputa entre Egito e Inglaterra em 1952 recebeu atenção da comunidade internacional durante o período tratado. Em primeiro lugar, uma das consequências das ações do dia 25 de janeiro, conforme registrou posteriormente o próprio jornal, foi a destruição parcial de embaixadas e prédios estrangeiros. Contudo, o que mais nos interessa é o fato de determinados países buscarem agir como intermediadores, na busca de uma resolução para o confronto. Este foi o caso, por exemplo, dos sauditas liderados pelo rei Saud ou do governo paquistanês, o que prova ter havido, de certa maneira, uma visibilidade da questão por parte de outros países.

De autoria de Jacob Landau, “O Grande Debate Anglo-Americano” trouxe à tona a divergência de posturas entre duas das maiores potências políticas do mundo capitalista na época⁵¹. Para aquele autor, Grã-Bretanha e Estados Unidos não agiam reciprocamente no tocante ao apoio ao aliado em suas ações no exterior. Em sua perspectiva, a diplomacia norte-americana se apresentava como vacilante diante da situação de crise na relação da Grã-Bretanha no Oriente Médio. Enquanto Londres apoiaria incondicionalmente as ações

⁵⁰ RODRIGUEZ MELLADO, Inocencia; MONTERO MARTIN, Mancel. La tension angloegipcia: la evacuación militar británica del Canal de Suez. Revista de política Internacional, Logroño, v. 5, n. 4, p. 131-140, out./dez. 1950. Disponível: www.cepc.gob.es/publicaciones/revistas/fondohistorico?IDR=13&IDN=1039&IDA=32504. Acesso em: 15 jan. 2019.

⁵¹ LANDAU, Jacob. O grande debate anglo-americano, **A Tarde**, Salvador, p. 3, 21 fev. 1952.

estadunidenses no Extremo Oriente, Washington não bancaria os interesses britânicos da mesma maneira. Estendendo seu olhar para outros territórios na África do Norte, Landau afirmou ser semelhante à postura norte-americana com relação à situação colonial francesa⁵².

Os novos contornos geopolíticos que marcaram o final da Segunda Guerra Mundial trouxeram evidentemente grandes alterações nas relações entre as principais nações do mundo. No tocante aos países do chamado ocidente capitalista, a questão colonial foi um dos pontos mais sensíveis. Se os Estados Unidos e as potências coloniais europeias, especialmente aquelas que mais sofreram com as consequências da guerra, reforçaram seus laços de cooperação econômica e política com o final do conflito, a questão dos domínios no Além-Mar foi um elemento de estremecimento nas relações.

Já demonstrado por meio da Carta do Atlântico e do processo de formação da ONU, a autodeterminação dos povos foi uma das principais bandeiras defendidas pelos estadunidenses, o que, em teoria, dialogaria com as contestações ao domínio europeu nos continentes asiático e africano. Contudo, isso não aconteceu⁵³. Washington colaborou com as grandes potências em algumas ocasiões, a exemplo do caso das colônias portuguesas. Os princípios expressos no documento de 1941 foram subordinados às considerações relativas à segurança⁵⁴.

Neste sentido, a política norte-americana para o Oriente Médio, não excluindo o caso da questão anglo-egípcia, foi a busca por uma solução da contenda, mesmo que isso custasse afetar diretamente o interesse inglês⁵⁵. No caso do Egito, tiveram os EUA o interesse no ingresso do país em uma aliança militar para a defesa do Oriente Médio e da região mediterrânea,⁵⁶ contando, dentre outros países, com a participação e apoio da Turquia, por exemplo.

Admitindo sua liderança e responsabilidade na costura dos acordos favoráveis ao bloco capitalista, era de interesse estadunidense ter condições favoráveis para negociação com os egípcios, o que significa dizer que um bom relacionamento com o Cairo tornaria

⁵² Idem.

⁵³ O mesmo caso se aplicaria aos britânicos num primeiro momento. Apesar da defesa do autogoverno e da soberania dos povos, segundo Michael Crowder, o Primeiro Ministro Britânico logo demarcou que tais proposições não incluíam as possessões da Coroa em África. CROWDER, Michael. *A África sob domínio britânico e belga*. In: MAZRUI, Al' Amin (ed.). **História Geral da África: África desde 1935**. Brasília, DF: UNESCO, 2010. p. 89-122.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ No âmbito das formulações teóricas da geopolítica, pensadores como Spykman, segundo Moniz Bandeira, destacaram-se ao longo do século XX. O Rimland correspondia a uma área entre o Heartland e os mares marginais, abrangendo territórios como Oriente Médio, Turquia, Ásia meridional e outros. Segundo aquele formulador, o controle destas e de outras regiões seria a melhor alternativa para a contenção dos soviéticos, constituindo-se num aspecto relevante para as orientações de segurança. BANDEIRA, op. cit.

⁵⁶ ANDERSON, Perry. "Império". In: _____. **A Política Externa Norte-Americana e seus teóricos**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2015. p. 11-135.

essencial. A inexistência de uma ameaça comunista evidente propiciava um cenário de maiores clivagens entre Londres e Washington⁵⁷. Assim, mesmo que ainda muito distante da intensidade da ação estadunidense em outras crises, o relacionamento entre Egito e Inglaterra não deixou de ser pauta dos *yankees*, como demonstrou alguns dos textos do jornal baiano.

Ainda como parte dos textos que abordam a crise a partir de um olhar sobre os atores governamentais, as relações Brasil-Egito também foram abordadas por parte do jornal⁵⁸. Num primeiro momento, trocas de honrarias entre Farouk e Getúlio Vargas foram registradas nas páginas de *A Tarde*, além da visita do Ministro do Interior ao Rio de Janeiro⁵⁹. Contudo, o que mais chamou atenção foi um boletim que explicitou o interesse do rei egípcio em ser reconhecido pelo Brasil como soberano do Egito e do Sudão⁶⁰. Dois textos que, por um lado, denotam alguns elementos pouco reconhecidos por parte das relações entre egípcios e brasileiros⁶¹. Por outro, a internacionalização da questão de Suez, transformada em um dos elementos mais importantes da Política Externa Egípcia.

Sendo o interesse egípcio sobre a administração do Sudão uma divergência antiga do governo do Cairo com relação aos ingleses, esta questão também fazia parte da contenda entre Cairo e Londres, especialmente pela manutenção do domínio inglês no país nilótico, mesmo que contando com parcela da estrutura egípcia. Ciente do interesse de setores nacionalistas sudaneses em submeter o território ao domínio egípcio, Farouk buscava também ter a chancela da comunidade internacional, até mesmo como uma maneira de pressionar ainda mais os ingleses em prol de uma decisão favorável.

Considerações Finais.

No interior ou nas grandes cidades, a crise anglo-egípcia foi destaque dentre os temas africanos tratados no jornal *A Tarde*. Mais de duas centenas de textos, entre boletins

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ De acordo com Majzoub, o ano de 1924 marcou o início das relações entre Brasil e Egito, sendo estabelecida à época, segundo o autor, ao reconhecimento da relevância egípcia no “cenário árabe internacional” e pela “florescente” industrialização brasileira. Contudo, os principais acordos entre as duas partes teriam ocorrido a partir da década de 60. Os textos de *A Tarde*, em nossa opinião, podem servir como elementos instigadores para a realização de pesquisas sobre a natureza dessas relações nos anos 50. MAJZOUR, Ismail. Desenvolvimento das relações Árabe-Brasileiras. In: FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO. Relações entre o Brasil e o mundo árabe: construção e perspectivas. Brasília: FUNAG, 2000. p. 55-80.

⁵⁹ CONFERIDO ao Sr. Getúlio Vargas o colar da ordem de Moohamed Ali. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 14 jun. 1952.

⁶⁰ REI do Egito e do Sudão. **A Tarde**, Salvador, p. 1, 22 jul. 1952.

⁶¹ DA SILVA SANTOS, M. J. Conexões Rio de Janeiro-Cairo. **Faces da História**, v. 6, n. 2, p. 117-138, 16 dez. 2019.

e artigos de opinião, marcaram a presença de tal questão no periódico baiano, sustentado, acima de tudo, por meio da reprodução das informações obtidas através da agência Associated Press.

Enquanto um dos principais representantes da grande imprensa no estado, o periódico fundado por Simões Filho possuía um lugar social muito claro, identificado pela sua retórica anticomunista, defesa de princípios liberais, mas preocupação com a ordem e com o *status quo*. Tais aspectos influenciaram diretamente no processo de disposição e seleção das notícias, transformando suas páginas em espaço de vinculação da ideologia da classe dominante e dos setores que coadunavam desse pensamento.

Predominante no interior de um noticiário africano que começava a ganhar corpo no interior do jornal, os textos políticos sobre o Egito versaram, em maior ou menor grau, sobre as diferentes vertentes de sua crise interna e externa, indo desde seu relacionamento com a Inglaterra, até as clivagens existentes entre seus principais líderes políticos. Quando colocamos a questão anglo-egípcia enquanto elemento central do noticiário do país, o que se verifica é a existência de uma leitura hegemônica sobre o assunto, pautada na argumentação de que o nacionalismo egípcio foi fruto de manipulação por parte de suas elites políticas, interessadas supostamente em distanciar a população dos problemas internos do país.

Ainda como parte do repertório de textos sobre o assunto, a cobertura do jornal também enfatizou ações e perspectivas dos atores estatais, dando ênfase para negociações que iam muito além dos dois protagonistas no confronto, ao envolverem, por exemplo, países como o próprio Brasil. Levando em consideração o protagonismo dos EUA no noticiário de A Tarde, seus interesses sobre o Egito também são retratados, seja por meio da busca pela construção de uma aliança militar, seja pela expectativa de resolução da contenda, não necessariamente pelo atendimento de todas as exigências e desejos ingleses.

Mesmo diante de uma cobertura visivelmente menor do que outras questões que lhe foram contemporâneas, a crise anglo-egípcia mereceu um tratamento destacável no periódico baiano. Enquanto responsável por construção de consensos, este representante dos grandes jornais da Bahia trabalhou sob a perspectiva de tendência a unilateralidade no trato das informações, recorrendo basicamente a uma única fonte e, no caso das produções de opinião explícitas, assumindo um discurso estruturado por meio do olhar britânico sobre o confronto. A presença de egípcios analisando o confronto foi nula. Coube, em momentos muito pontuais, uma consulta dos produtores das notícias à imprensa egípcia, no sentido de complementar com maiores detalhes sobre alguns processos, mas sem recorrer a textos opinativos.

As cidades de Suez, Alexandria, Cairo e Ismailia foram desenhadas em *A Tarde* a partir de olhares provenientes de Londres ou Washington. Diante de uma crise complexa e de interesse de outros países além dos protagonistas, um dos principais atores no processo não foi ouvido. Os interesses dos nacionalistas egípcios foram deixados de lado pelos construtores da notícia.

A história de subordinação do Egito com relação à Inglaterra deu lugar a uma leitura que privilegiava a discussão sobre a ordem mundial e a relevância daquele ponto estratégico, o canal de Suez, para a defesa do “mundo livre”. Ao atribuir um caráter internacional à contenda anglo-egípcia, indo além de seus dois principais envolvidos, as páginas de *A Tarde* transformaram a região de um canal que outrora foi reconhecido como um dos grandes projetos de progresso da humanidade em tudo, menos parte de um país milenar e com uma forte história de luta pela sua soberania.